



**OS LIMITES NO ENSINO FUNDAMENTAL I:
 problematizando transtornos e esquemas mentais**

**THE LIMITS IN FUNDAMENTAL EDUCATION I:
 problematizing mental disorders and schemes**

Gabrieli Maria Bender¹
 Giovani Meinhardt²

Resumo: Este trabalho de pesquisa tem como objetivo avaliar a importância dos limites no Ensino Fundamental I, dando ênfase na problematização de transtornos e de esquemas mentais. A ausência dos limites na escola está muito presente na atualidade. Desse modo será visto como os alunos se comportam diante dos seus docentes, demonstrando se há falta de limites dentro da sala de aula. A pesquisa foi realizada em duas escolas públicas, uma no Vale do Caí e a outra na Encosta da Serra. Para dar seguimento, o processo deu-se por pesquisa de cunho qualitativo, utilizando estudos bibliográficos e um estudo de campo para a aplicação de entrevistas e questionários, através dos quais se procura interpretar as concepções dos professores perante os seus pareceres sobre os limites no Ensino Fundamental I. Para finalizar, efetuou-se a coleta de dados, relacionando com a fundamentação teórica e analisaram-se os resultados.

Palavras-chave: Esquemas mentais. Limites. Problematização dos transtornos. Escola.

Abstract: This research work aims to evaluate the importance of limits in Elementary School I, emphasizing the problematization of disorders and mental schemes. The absence of limits at school is very present today, so it will be seen how students behave in front of their teachers, demonstrating whether there is a lack of limits within the classroom. The research was carried out in two public schools, one in Vale do Caí and the other in Encosta da Serra. To follow up, the process was carried out by qualitative research, using bibliographic studies and a field study for the application of interviews and questionnaires, through which it is sought to interpret the teachers' conceptions facing their opinions on the limits in Elementary School I. Finally, data collection was carried out, relating to the theoretical basis and the results were analyzed.

Keywords: Mental schemes. Limits. Troubleshooting disorders. School.

¹ Graduada em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Ivoti. E-mail: gabi.bender@hotmail.com

² Doutorando em Filosofia, Mestrado em Filosofia e Graduação em Psicologia, todos pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: giovani.meinhardt@institutoivoti.com.br

1 LIMITES

A partir deste artigo verifica-se que os limites estão muito presentes no contexto educacional e familiar. Na atualidade escolar pode-se notar que muitas crianças apresentam atitudes comportamentais e emocionais muito inapropriadas, como a falta de limites. Certamente, a maioria dos professores já passou por alguns momentos em que não sabiam como agir diante de uma criança que apresenta a falta de limites. Portanto, a inserção dos limites na infância se torna uma tarefa indispensável que precisa ocorrer de uma forma satisfatória para o bem da criança e de sua aprendizagem.

Os limites servem para que a criança tenha responsabilidades e siga as regras da sociedade. Sem a imposição de limites no transcorrer da infância, da adolescência ou até da vida adulta, esses indivíduos passarão por inúmeras frustrações, por exemplo, não conseguindo esperar sua vez numa fila, não tolerar as adversidades da vida e assim não serão capazes de conviver com desejos diferentes dos deles, assim apresentando inúmeras dificuldades em se relacionar tanto no âmbito social como profissional. Zagury (2003, p. 31) enfatiza “[...] educar uma criança é um processo muito, muito complexo, com situações totalmente inesperadas para a maioria dos pais, quem nem sonhava em ter tanto trabalho, todo dia, todas as horas do dia.”

Todavia, educar um indivíduo atualmente não é tarefa fácil, as mudanças estão ocorrendo a todo o momento e precisamos ter a disponibilidade e o tempo adequado para essa criança. Em decorrência desse enfoque, a família e a escola precisam estar unidas, já que ambas fazem parte desse processo de ensino.

A criança precisa ser orientada e entender que a imposição dos limites é fundamental para sua vida. Como

consequência a família e a escola têm o intuito de querer o bem desse indivíduo, mostrando-lhe que a melhor forma de ver o mundo é respeitar e ser respeitado, demonstrando assim afetos de amor e de carinho e a partir dessas atitudes positivas a criança terá a percepção de que a família e a escola desejam o melhor para ela.

1.1 Ausência de limites

Nos dias atuais, a ausência de limites vem ocorrendo com muita frequência pelo fato de alguns pais não saberem lidar com certas situações de seus filhos. Portanto, quando a criança apresenta essa falta de limite, isso pode acarretar sérios problemas no futuro, principalmente por não conseguir enfrentar diversas frustrações, tanto no convívio social como no educacional.

O que tem se constatado referente às crianças que manifestam essa ausência de limites é que acabam mudando completamente seu humor e sua irritabilidade se torna cada vez mais constante. Nesse sentido Zagury (2003, p. 35) nos diz que a criança passará por um “[...] descontrole emocional, histeria, ataques de raiva” que dificulta o seu próprio convívio como ser humano em sociedade.

Desse modo, quanto menos as famílias impuserem limites e atenderem sempre aos apelos de seus filhos, naturalmente maiores as consequências, demonstrando assim um pensamento egocêntrico e um contentamento de prazer naquilo que ela deseja e almeja dominar.

Consequentemente, essa criança sofrerá constantemente em sua vida e, se não houver pessoas dispostas para ajudar e orientar, em certos momentos será cada vez mais difícil. Muitas vezes a família se encontrará sem rumo, já não sabendo mais o que fazer e apelará para a escola.

Assim, a escola será uma grande mediadora nesse processo estabelecendo um elo consciente e afetuoso. Desse modo, a presença dos limites se tornará constante, auxiliando os pais e a criança no seu processo de desenvolvimento para aprimorar melhor seus conhecimentos. Porém não cabe só à escola fazer seu papel, já que a família será a principal articuladora desse processo.

Ao darmos limites à criança, ela terá consciência e clareza dos fatos, sendo algo fundamental para o seu desenvolvimento como ser humano. A seguir será falado do quão importante é a presença desses limites dentro da família e da escola.

1.2 Presença de limites

A presença de limites é fundamental. A família, em primeiríssimo lugar, tem o dever de exercer seu papel como pai e mãe, pois é de sua responsabilidade encarregar-se da conduta de seu filho. Desse modo, é significativo que se trabalhe constantemente com a criança esse processo, para que no futuro ela entenda que foi o melhor para ela.

Em vista disso, a presença de limites é essencial para que a criança aprenda que a vida é feita de desafios, que precisa ter respeito perante os demais e que a formação de valores morais e éticos seja constituída de uma forma apropriada, pois a partir disso a criança entenderá o que é certo e o que é errado. Portanto, Zagury (2003, p. 24) diz “[...] ensinar que a cada direito corresponde um dever e, principalmente... dar o exemplo (quem quer ter filhos que respeitem a lei e os homens de viver seu dia-a-dia dentro desses mesmos princípios - ainda que a sociedade não tenha apenas indivíduos que agem dessa forma).”

A autora menciona um aspecto importante na sua citação, ensinar que

cada direito é um dever, ou seja, esse ensinamento deve ocorrer de certo modo, primeiramente no convívio familiar e em seguida no contexto escolar. Como consequência ela entenderá que os direitos e deveres são essenciais na sociedade, porém, muitas vezes, isso não ocorre da melhor forma possível, mas são os adultos que devem dar o exemplo da lei e do direito humano para que no futuro esses indivíduos saibam respeitar as regras da sociedade.

Entretanto, a educação dos valores morais e sociais precisa ocorrer constantemente. As crianças precisam aprender desde cedo que há sim direitos e deveres e esses necessitam ser cumpridos e respeitados, apesar de muitos indivíduos não pensarem dessa forma.

Com tudo isso, irão ocorrer inúmeras frustrações ao longo da vida, portanto, quando estas não são trabalhadas da melhor maneira possível, maiores serão as consequências para a vida adulta. Dessa maneira, tolerar pequenas frustrações no presente se torna algo muito importante em relação àquilo que a criança enfrentará em sua vida. É importante que as frustrações sejam trabalhadas no decorrer da infância juntamente com a família para que no futuro ela não venha sofrer com desapontamentos alheios.

Desse modo, a família, a escola e a sociedade precisam estar envolvidas nesse processo, pois todos sabem que a sociedade vive em constantes transformações. Consequentemente, para que haja crianças com condutas satisfatórias é necessário que todos estejam engajados e exerçam seu papel, demonstrando assim um interesse, um afeto e um carinho por essas crianças, para que no futuro elas tenham a capacidade de suportar diversas frustrações.

2 PROBLEMATIZAÇÃO DOS LIMITES: TRANSTORNOS MENTAIS E ESQUEMAS MENTAIS

Com o passar dos anos, percebe-se que a criança vem passando por imensuráveis transformações tanto no âmbito educacional como familiar. No entanto, compreende-se que no transcorrer do desenvolvimento moral, social e físico, crianças vêm desenvolvendo vários transtornos e esquemas mentais, tanto no aspecto emocional como comportamental. Em conformidade com este enfoque se buscarão trazer neste capítulo transtornos e esquemas mentais que podem afetar crianças no seu desenvolvimento comportamental e emocional.

2.1 Transtorno de oposição desafiante

O transtorno de oposição desafiante, mais conhecido como TOD, mantém um temperamento raivoso/irritável, envolvendo principalmente o emocional das crianças. Dessa maneira esses indivíduos acabam não conseguindo controlar seus próprios impulsos, tornando-se um indivíduo questionador e desafiante. Conforme aborda APA (2014, p. 462) as características do TOD são

- [...] 1. Com frequência perde a calma. 2. Com frequência é sensível ou facilmente incomodado. 3. Com frequência é raivoso e ressentido. 4. Frequentemente questiona figuras de autoridade ou, no caso de crianças e adolescentes, adultos. 5. Frequentemente desafia acintosamente ou se recusa a obedecer a regras ou pedidos de figuras de autoridade. 6. Frequentemente incomoda deliberadamente outras pessoas. 7. Frequentemente culpa outros por seus erros ou mau comportamento. 8. Foi malvado ou vingativo pelo menos duas vezes nos últimos seis meses.

Os primeiros indícios do transtorno de oposição desafiante ocorrem geralmente durante os anos de pré-escola e dificilmente mais tarde. Portanto, ela antecede o transtorno da conduta e nesse sentido essas crianças acabam não desenvolvendo o TOD. À vista disso, acabam aprimorando comportamentos inadequados, envolvendo principalmente o emocional dessas crianças.

Geralmente o transtorno de oposição desafiante constitui um perigo para o desenvolvimento de outros transtornos, como ansiedade e transtorno depressivo maior. Muitas dessas crianças podem correr sérios riscos e adquirir problemas na adaptação adulta, principalmente não conseguir controlar seus próprios impulsos e suas ações, desse modo manifestando atitudes emocionais e comportamentais socialmente inadequados.

Pode-se perceber a influência que esse transtorno tem, referente aos limites, principalmente pelo fato de a criança apresentar sintomas em que frequentemente perde a calma, questiona e desafia adultos. Em consequência disso, os dados levam a refletir que o transtorno de oposição desafiante interfere principalmente no ser e no agir da criança, envolvendo dessa forma com maior intensidade o emocional delas.

Conforme acima exposto, é possível verificar que os limites são extremamente importantes para todos os indivíduos que se encontram numa sociedade tão conturbada como a de hoje. Quando manifestada a ausência desses limites, a criança apresenta diversos sintomas e estes podem se manifestar com certa frequência, e essas atitudes e ações contribuem principalmente no aspecto comportamental e emocional desses indivíduos.

2.2 Transtorno da conduta

O transtorno da conduta acontece normalmente nos anos pré-escolares, porém os primeiros sintomas costumam aparecer na fase intermediária da infância e até a fase intermediária da adolescência. Desse modo, na infância começam a se verificar agressões físicas, acarretando assim problemas com outras pessoas, e o transtorno pode suceder-se ao longo da vida. A respeito disto APA (2014, p. 470) diz

[...] 1. Frequentemente provoca, ameaça ou intimida outros. 2. Frequentemente inicia brigas físicas. 4. Foi fisicamente cruel com as pessoas. 5. Foi fisicamente cruel com animais. 9. Destruiu deliberadamente propriedade de outras pessoas (excluindo provocação de incêndios). 10. Invadiu a casa, o edifício ou o carro de outra pessoa. 11. Frequentemente mente para obter bens materiais ou favores ou para evitar obrigações (“trapaceia”). 15. Com frequência falta às aulas, com início antes dos 13 anos de idade [...].

Todavia, o transtorno da conduta ocorre com pouca frequência na adolescência, pois os comportamentos se tornam mais adequados na presença de colegas e amigos mais próximos. Consequentemente, é fundamental a participação de todos os membros da família para que essa criança tenha um vínculo harmonioso dentro da sociedade em que vive.

A discussão, como pode ser percebida, faz relação direta do transtorno com a imposição dos limites. Esse transtorno remete ao comportamento da criança, principalmente nas suas condutas e atitudes como indivíduo. Nota-se que os limites influenciam sim no aspecto comportamental das crianças, pois, se os adultos querem que os filhos os respeitem, são eles que devem fazer deles seres autênticos e com princípios.

Portanto, passa-se a perceber que

estabelecer limites desde a infância até o término da adolescência faz toda a diferença, principalmente no comportamento e nas suas ações como membro da sociedade. A maneira de se relacionar com as pessoas é fundamental para o seu desenvolvimento como ser humano.

2.3 Esquemas mentais

Os esquemas mentais surgiram há muitos anos. Nas diferentes áreas de estudo a palavra *esquema* tem mais de uma utilidade. Conforme Young, Klosko e Weishaar (2008, p.21) “[...] é usado na teoria de conjuntos, na geometria algébrica, na educação, na análise literária e na programação de computadores [...]”. Consequentemente, os esquemas abrangem inúmeros ramos do conhecimento. Para Young, Klosko e Weishaar (2008, p.22) a locução *esquema* engloba infinitas concepções

[...] * um tema ou padrão amplo, difuso; * formado por memórias, emoções e sensações corporais; * relacionado a si próprio ou aos relacionamentos com outras pessoas; * desenvolvido durante a infância ou a adolescência; * elaborado ao longo da vida do indivíduo; * disfuncional em nível significativo.

Em vista do que o autor cita, os esquemas ocorrem principalmente no seu modo de agir, de entender e interpretar a realidade. Elas ocorrem também no modo de sentir e enxergar, como agem consigo mesmas e com outras pessoas, com o ambiente e o futuro. Por fim, se fazem muito presentes no dia a dia dos indivíduos e acabam se tornando muito repetitivos. Nos dois subtítulos a seguir serão apresentados dois esquemas que comprometem principalmente o comportamento da criança na falta dos limites.

2.3.1 Arrogo/Grandiosidade

Além do transtorno de oposição desafiante e o transtorno da conduta, há outros dois esquemas que influenciam diretamente na falta de limites. Conforme Lopes, Leite e Prado (2011, p.47) o [...] “arrogo (arrogância) é o sentimento de orgulho que se manifesta por atitudes altivas e desdenhosas; é a soberba, a insolência, o atrevimento”. A criança que apresenta o arrogo/grandiosidade tem atitudes, nas quais se sente superior a qualquer pessoa, desprezando, humilhando e se sentindo no direito de dizer tudo aquilo que ela deseja.

Pode-se considerar que as atitudes se tornam inconvenientes, nas quais a criança coloca seus desejos, interesses, opiniões e necessidades em primeiro lugar, achando-se a única a poder comandar todos ao seu redor. Para Young, Klosko e Weishaar (2008, p.210) “[...] entre os comportamentos típicos estão a competitividade em excesso, o esnobismo, a dominação de outras pessoas, as afirmações de poder de maneira danosa e a imposição de seu ponto de vista sobre o de outras pessoas.”

Porém esses comportamentos são prejudiciais à criança e à família que convive diretamente com ela. A criança tenta dominar as pessoas ao seu redor, desprezando e ignorando todos constantemente. No entanto, é possível verificar que o arrogo/grandiosidade tem influência direta com a imposição de limites, interfere também constantemente no aspecto emocional e comportamental da criança.

2.3.2 Autocontrole / Autodisciplina insuficientes

Os indivíduos que apresentam o esquema de autocontrole/autodisciplina insuficientes manifestam comportamentos totalmente inconvenientes, não

conseguindo controlar suas próprias ações e manifestando pouca disciplina. Para Young, Klosko e Weishaar (2008, p.212) os indivíduos que apresentam o esquema normalmente têm necessidades de “[...] autocontrole - a capacidade de dar os devidos limites às próprias emoções e impulsos e autodisciplina - a capacidade de tolerar tédio e frustração por tempo suficiente para realizar tarefas”. Desse modo, muitas crianças acabam não possuindo o controle de suas próprias emoções e impulsos, por isso passam por inúmeras frustrações que, com o passar do tempo, dificultam constantemente o desenvolvimento comportamental e o emocional.

Outro dado importante a ser mencionado ocorre quando a criança não consegue assumir suas próprias responsabilidades. Quando a pessoa é extremamente impulsiva, sem autocontrole de suas emoções e usa drogas para adormecer sua dor ou não toleram nenhum tipo de frustração, elas acabam não conseguindo ouvir não de outras pessoas; portanto, estes indivíduos fazem de tudo para que seus desejos sejam realizados.

Muitas vezes, quando a família é super protetora, zela demais pelo seu filho e permite que faça tudo em excesso, a criança acaba não adquirindo uma autodisciplina suficiente para lidar com diversas situações da vida. Desse modo a pessoa sofre demais com esse esquema, por exemplo, quando o indivíduo é muito impulsivo e compulsivo por alimentos ela tende a sofrer, pelo fato de estar acima do peso. Conforme Young (2003, p. 20) o autocontrole/autodisciplina insuficientes remete na

[...] dificuldade ou recusa de exercitar suficiente autocontrole e tolerância a frustração ao buscar metas pessoais, ou de restringir a expressão excessiva das emoções e dos impulsos. Em sua forma mais branda, [...] apresenta uma ênfase exagerada

na evitação do desconforto, à custa da realização pessoal, comprometimento e integridade.

A partir da citação do autor acima, constata-se que este esquema se emprega a indivíduos que apresentam dificuldades em controlar suas próprias emoções e impulsos em situações diversas. Por exemplo, dentro da sala de aula é o professor que fará a mediação, é necessário que ele identifique esses esquemas para intervir e fazer os encaminhamentos necessários. Após isso, a ajuda de um terapeuta ou de um especialista se tornará muito importante para que o indivíduo possa receber um amparo necessário e refletir sobre as consequências de suas atitudes inconvenientes.

3 DISCIPLINA? QUAL SERÁ O MELHOR MÉTODO?

Há inúmeras maneiras e estratégias, nas quais a criança pode ser disciplinada. Segundo Papalia e Feldman (2013, p. 301) “[...] no campo do desenvolvimento humano, a disciplina refere-se aos métodos de moldar o caráter e ensinar autocontrole e comportamento aceitável.” Desse modo, a disciplina fará toda a diferença no processo de socialização da criança com seu meio. Então, qual será o melhor método? Veremos a seguir técnicas que podem fazer toda a diferença no comportamento e no autocontrole das crianças.

3.1 Reforço, punição e castigo corporal

O reforço é uma forma de ensinar o bom “comportamento socialmente manejável” para a criança, ele acontece através das boas ações que ela pratica. Em conformidade com Papalia e Feldman (2013, p. 301), é importante que a criança receba elogios como no exemplo: “[...] você é um ajudante maravilhoso, Nick!

Muito obrigada por arrumar seus brinquedos.” Por consequência, quando a criança é elogiada e recebe *feedback*, mais motivada ela será, e desse modo conseguirá praticar melhores ações.

Muitas vezes as crianças aprendem mais com um reforço do que com uma punição. Em vista disso Papalia e Feldman (2013, p. 301) enfatizam “[...] os reforços externos podem ser tangíveis (divertimentos, mais horas de brincadeira) ou intangíveis (um sorriso, uma palavra de elogio, um abraço, mais atenção ou um privilégio especial)”. Antes de tudo a criança precisa apresentar um bom comportamento para que ela perceba que aquilo que ela realizou se torne uma recompensa e devendo ganhá-la de uma forma justa pelas suas atitudes.

Já a técnica da punição ocorre muitas vezes pelo simples fato de os pais tentarem acabar com um comportamento desagradável da criança. De acordo com Papalia e Feldman (2013, p. 301) “[...] a punição, tal como o isolamento ou a negação de privilégios, é necessária”. Se for considerada que a punição for correta e justa ela poderá se tornar eficiente. A punição deverá ser conduzida com serenidade e tranquilidade, com o objetivo de estimular a obediência sem que haja culpa, no entanto, o diálogo entre pais e filhos será muito mais eficaz durante esse processo.

Há também o castigo corporal, que o autor Straus (1994, p. 4 apud PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 301) cita “[...] o uso da força física com a intenção de causar dor na criança, e não ferimentos, de modo a corrigir e controlar o comportamento infantil”. Pode-se considerar que a família tenta através de um castigo corporal, por exemplo, controlar o comportamento inadequado da criança por meio de palmadas ou tapas. Para Kadzin e Benjet (2003); McLoyd e Smith (2002 apud PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 301) “[...] o castigo corporal é mais eficiente que

outros métodos para inculcar respeito pela autoridade dos pais e inofensivo, se aplicado com moderação por pais amorosos”. Desse modo, para os autores, o castigo corporal pode se tornar algo a favor perante as dificuldades que a família encontra em impor limites a seus filhos, porém esse castigo precisa ocorrer de uma forma mais afetuosa para que a criança não sofra durante esse momento.

No entanto, muitos resultados apontam que o castigo corporal que ocorre com frequência e é muito severo pode se tornar prejudicial às crianças. Por isto, é necessário que os pais dialoguem permanentemente com seus filhos, imponham limites e sejam amorosos e carinhosos com seus filhos para que esse castigo não provoque qualquer tipo de transtorno e trauma em suas vidas.

3.2 Raciocínio indutivo, afirmação de poder e retirada do amor

O raciocínio indutivo tenta estabelecer um comportamento adequado, por meio da conversa com a criança. Segundo Papalia e Feldman (2013, p. 302) como na citação a seguir

[...] Sara pegou um doce em uma loja, seu pai não fez um discurso sobre honestidade, bateu nela, ou disse que ela tinha sido uma menina má. Em vez disso, ele explicou como o dono da loja seria prejudicado por ela não ter pago pelo doce, perguntou-lhe como ela achava que o dono da loja poderia se sentir, e então levou-a de volta à loja para que ela devolvesse o doce.

Conforme a citação, o pai da criança tentou agir da melhor maneira possível, dialogando e estabelecendo com a criança que aquilo que ela havia pegado sem pagar, não era dela, e que o dono da loja acabaria sendo prejudicado. Conforme Papalia e Feldman (2013, p. 302), é evidente “[...] estabelecer limites, demonstrar as consequências lógicas de

uma ação, explicar, discutir, negociar e obter ideias da criança sobre o que é justo”. Dessa maneira, o pai agiu da forma mais correta, fez com que a criança pensasse e refletisse sobre aquilo que ele havia dito a ela e dessa maneira ela compreendeu a atitude de seu pai.

A este respeito citamos M.L Hoffman (1970a, 1970b); Jarges, Bingham e Hans (1996); McCord (1996 apud PAPALIA; FELDMAN 2013, p. 302) que afirmam “[...] as técnicas indutivas são geralmente o método mais eficaz para conseguir que as crianças aceitem os padrões parentais”. Pode-se considerar que o envolvimento entre pais e filhos é muito importante para o desenvolvimento comportamental e emocional da criança.

Há outras duas maneiras de aplicar a disciplina, porém não são tão eficazes quanto a técnica indutiva: a afirmação de poder e a retirada do amor. Para Papalia e Feldman (2013, p. 302) “[...] a afirmação de poder visa interromper ou desencorajar comportamento indesejável por meio da aplicação física ou verbal do controle parental; ela inclui exigências, ameaças, retiradas de privilégios, palmadas e outros tipos de castigo.”

Os autores citam que a afirmação de poder ocasiona o fim de algo que não é desejado. No entanto, o uso da força física e verbal se torna frequente, prejudicando constantemente o desenvolvimento comportamental e emocional dessa criança. Conforme Papalia e Feldman (2013, p. 302) “[...] a retirada do amor pode incluir em ignorar, isolar ou mostrar desagrado por uma criança”. Desse modo o adulto despreza e demonstra pouco afeto pela criança.

Nesta linha de pensamento, segundo M.L Hoffman (1970a,1970b); Jarges, Bingham e Hans (1996); McCord (1996 apud PAPALIA; FELDMAN 2013, p. 302) “[...] nenhuma dessas é tão eficaz quanto o raciocínio indutivo na maioria das circunstâncias, e ambas podem ser

prejudiciais”. É importante que a família incentive, dialogue e explique aos seus filhos de forma clara as consequências que podem ocorrer, para que a criança não venha sofrer com o passar do tempo. A partir de então, passa-se a perceber que o relacionamento entre pais e filhos é essencial, o modo como a família se relaciona com seu filho irá refletir constantemente no comportamento e no emocional da criança.

3.3 Modelo Baumrind: parentalidade autoritária, permissiva e democrática

O modelo Baumrind foi realizado com 103 crianças em idade pré-escolar de 95 famílias, que ocorreu por meio de entrevistas, testes e estudos realizados na residência das famílias, verificando o comportamento das crianças. Baumrind percebeu três tipos de parentalidade, a autoritária, a permissiva e a democrática.

A parentalidade autoritária, conforme Papalia e Feldmann (2013, p. 303) na terminologia de Baumrind “[...] enfatiza o controle e a obediência”. Contudo, os pais punem seus filhos e são menos amorosos, os filhos se tornam mais tímidos e descontentes, não possuindo nenhum direito de perguntar e indagar o adulto.

A parentalidade permissiva é completamente diferente da parentalidade autoritária. Para Papalia e Feldman (2013, p. 303) esse estilo de parentalidade “[...] enfatiza a autoexpressão e a autorregulação”. Consequentemente, a parentalidade permissiva caracteriza os pais como adultos pouco exigentes, mas, ao criarem regras, as crianças são muito participativas e carinhosas. Dessa forma os pais eventualmente punem seus filhos.

Para finalizar, a última parentalidade é a democrática. Conforme Papalia e Feldman (2013, p. 303) na terminologia de Baumrind, esse estilo de parentalidade “[...] combina respeito pela

individualidade da criança com uma tentativa de inculcar valores sociais”. Os pais respeitam a individualidade da criança, utilizam a técnica indutiva como forma de encorajar o comportamento, criando regras claras e coerentes para as crianças.

No entanto, Papalia e Feldman (2013, p. 303) chamam a atenção para “[...] as crianças em idade pré-escolar com pais democráticos tendem a ser mais autoconfiantes, autocontroladas, autoafirmativas, exploradoras e satisfeitas”. Por conseguinte, pode se perceber que a criança que recebeu algum tipo de incentivo, apoio e limites criteriosos, quando necessário, tendem a ter um comportamento totalmente satisfatório e contribuindo totalmente com o seu modo de agir e de viver.

De acordo com o acima exposto, é possível verificar que há vários tipos de parentalidade. Pais que são autoritários demais, quando a criança é controlada a todo o momento, não podendo expor sua própria ideia. Pais que não dão nenhuma orientação aos seus filhos e tendem a ter comportamentos totalmente indesejados, e pais que respeitam constantemente a individualidade de seus filhos, impondo regras claras e coerentes, utilizando a técnica indutiva como sendo a melhor forma de compreender o comportamento de cada criança. Em vista disso, podemos verificar que a parentalidade influencia constantemente no comportamento e nas atitudes das crianças.

4 (DES) PROBLEMATIZANDO A PESQUISA: DOS QUESTIONAMENTOS AO ENTENDIMENTO

Os estudos realizados neste presente trabalho enfatizaram os limites tanto na escola como na família, a problematização dos limites envolvendo transtornos, esquemas mentais e questões referentes à utilização de

métodos, trazendo técnicas que podem fazer toda a diferença no comportamento e no autocontrole das crianças. Todos esses assuntos são muito importantes para a atualidade, pois se percebe que as crianças têm muita dificuldade em respeitar regras e ao mesmo tempo os pais não sabem lidar com essas situações. Desta forma, os limites são essenciais para o desenvolvimento emocional e comportamental da criança. No ambiente escolar e no Ensino Fundamental I, nota-se que muitas crianças apresentam atitudes inapropriadas referentes às suas ações. A pergunta de investigação foi fundamental para a realização deste trabalho acadêmico: como lidar com os limites (regras, indisciplina) no Ensino Fundamental I? A investigação sucedeu-se através de entrevistas e questionários com nove docentes do Ensino Fundamental I.

4.1 Entrelaçando metodologias

Primeiramente, a pesquisa sucedeu-se de forma bibliográfica, para a qual o uso dos livros e artigos científicos foram essenciais para iniciar esse estudo. A pesquisa também se baseou num estudo de campo (entrevistas e questionário) que se tornou fundamental para a concretização do trabalho acadêmico, pois ela busca informações e conhecimentos a partir de um problema.

Há infinitas formas de pesquisar e todas as pesquisas se tornam muito importantes para um trabalho acadêmico. Dessa forma, com a contribuição da teoria, aprofundaram-se muitos conhecimentos sobre a falta de limites e os problemas que podem ser ocasionados em virtude da sua ausência. Entretanto, buscaram-se diversas referências para

desenvolver-se o estudo.

A pesquisa surgiu devido às experiências e às vivências que se presenciaram dentro do ambiente escolar, motivando para a realização deste trabalho por se tratar de um tema tão atual. Cada vez mais as crianças apresentam atitudes consideradas inadequadas, tanto no âmbito educacional como no familiar. Desse modo, pergunta-se: como os docentes podem lidar com os limites (regras, indisciplina) no Ensino Fundamental I? E de que modo podem intervir nesse processo, diante de uma situação tão complexa.

Para a execução da pesquisa foram utilizados como meio entrevistas e questionários. Ambos foram realizados no mês de março com nove docentes do Ensino Fundamental I de duas escolas de regiões diferentes, uma do Vale do Caí e uma da Encosta da Serra. Primeiramente, a ideia era realizar as entrevistas e os questionários pessoalmente, mas infelizmente devido à pandemia global que o Brasil estava enfrentando (COVID-19)³, isso impossibilitou de realizá-las dessa forma. Como segunda opção, utilizaram-se os meios tecnológicos para realizar a pesquisa, entrou-se em contato via telefone celular, WhatsApp e por endereço eletrônico para dar fundamento ao trabalho. Através desses recursos realizou-se uma breve explicação do tema. Ressaltou-se da importância de todos poderem contribuir para que essa pesquisa se concretizasse.

As entrevistas continham cinco perguntas: a primeira era referente aos alunos e à falta de limites, na segunda questão os docentes descreveram esse aluno, a terceira questão é como os professores lidam com essa criança que possui a ausência de limites dentro da sala de aula. Para finalizar, os docentes

³ BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus (COVID 19):** definição, transmissão, sintomas, proteção, diagnóstico, riscos. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 14 abr. 2020.

foram perguntados se na turma havia algum aluno com diagnóstico referente ao seu processo comportamental e emocional e, caso a resposta fosse sim, deveriam nomear o laudo e o transtorno. Ao responderem pelos meios tecnológicos lhes foi enviado um questionário, no qual deveriam assinalar quais características coincidiam melhor no perfil do aluno referente às perguntas anteriores.

4.4.1 O olhar dos docentes dos anos iniciais: na análise dos dados

Neste exato momento, chegou a hora de entrelaçar os fios metodológicos da pesquisa. Entrevistaram-se nove docentes de duas escolas e regiões diferentes, uma do Vale do Caí e uma da Encosta da Serra. Os docentes do Ensino Fundamental I poderiam se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo à pesquisadora. Sempre que quisessem poderiam pedir informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto e do próprio professor orientador.

A identidade dos participantes foi preservada e permaneceu como sigilo ético da pesquisadora. Durante o andamento do texto utilizaram-se siglas para nomear os docentes entrevistados.

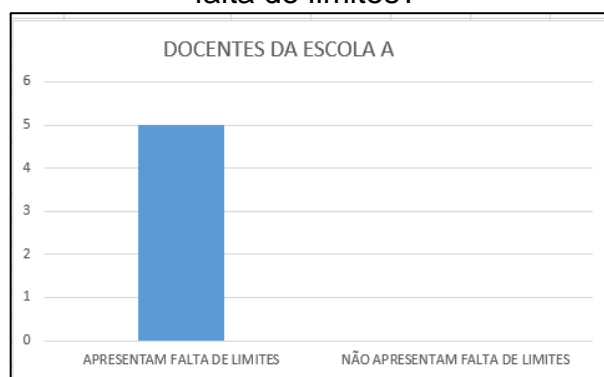
4.4.2 Análise comparativa

Neste subcapítulo serão abordadas de forma singular as questões de ambos os questionários e entrevistas, sendo assim será feito uma análise para comparar os resultados dos questionamentos.

4.4.2.1 Questão número 1

Ao indagar os docentes na primeira pergunta se existe algum aluno (a) com falta de limites, na Escola A, os cinco docentes responderam que há sim crianças com falta de limites em suas turmas. O gráfico 1 mostra a resposta dos docentes questionados na pesquisa, relatando se existe algum aluno ou aluna com falta de limites.

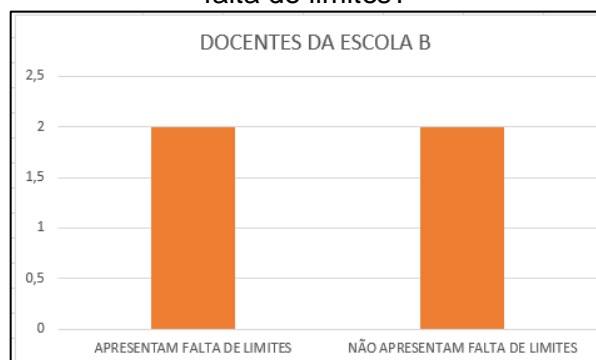
Gráfico 1 - Existe algum aluno (a) com falta de limites?



Fonte: Elaborado pela autora

Na Escola B, duas professoras relataram que há sim crianças com falta de limites e duas professoras mencionaram que não identificaram nenhum aluno com ausência de limites. No gráfico 2, os docentes demonstraram em suas respostas se há crianças com falta de limites em suas turmas.

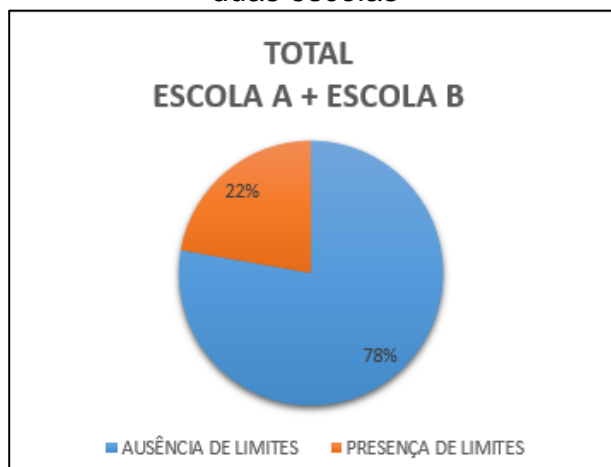
Gráfico 2 - Existe algum aluno ou aluna com falta de limites?



Fonte: Elaborado pela autora

Para finalizar, podemos verificar o total entre as duas escolas. O gráfico 3 mostra o total entre as duas escolas.

Gráfico 3 - Total de porcentagem entre as duas escolas



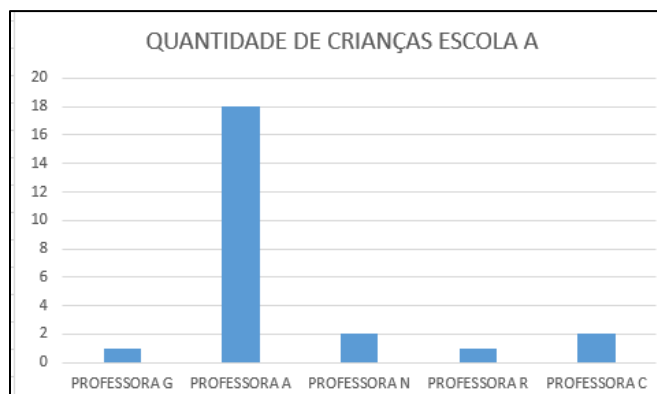
Fonte: Elaborado pela autora

Desse modo pode-se verificar que sete docentes que foram entrevistados relataram que há sim crianças com falta de limites nessas duas escolas, mostrando 78% no total, já dois docentes mencionaram que não houve crianças em suas turmas apresentando falta de limites, registrando 22% no total.

4.4.2.2 Questão número 2

Dando continuidade à pesquisa, os docentes mencionaram na segunda pergunta a quantidade de crianças com falta de limites em sua turma. Na escola A a professora G e a professora R relataram que ambas possuem somente 1 criança com falta de limites. A professora A mencionou que, das 24 crianças, ela possui 18 que apresentam a ausência de limites. Já a professora N e a professora C informaram que ambas possuem 2 crianças que manifestam a falta de limites. No gráfico 4 os docentes apontam a quantidade de alunos com falta de limites na escola A.

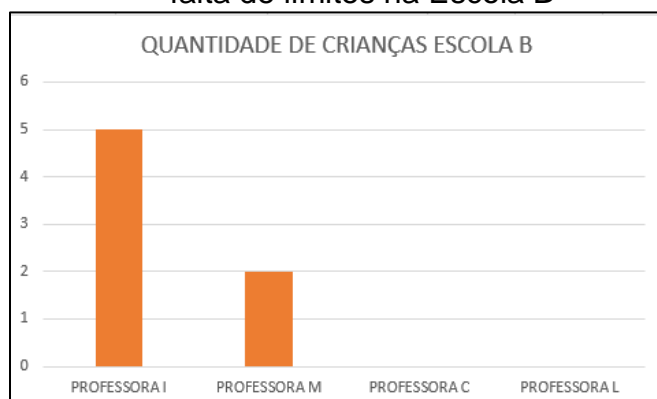
Gráfico 4 - Quantidade de crianças com falta de limites na Escola A



Fonte: Elaborado pela autora

Na escola B a professora I mencionou que 5 crianças apresentam a ausência de limites. A professora M relatou que 2 crianças demonstram falta de limite. Já a professora C, disse que *“até o presente momento não houve identificação de aluno (a) com ausência de limites”*. A professora L relatou que *“por enquanto todos os alunos demonstraram-se compreensivos, não havendo nenhuma situação que mostrasse falta de limites comportamentais”*. O gráfico 5 mostra a quantidade de crianças que apresentam falta de limites na escola B.

Gráfico 5 - Quantidade de crianças com falta de limites na Escola B



Fonte: Elaborado pela autora

Ao analisar as respostas da segunda pergunta se pode verificar que a escola A possui mais crianças com falta de limites do que a escola B. Nas

características das crianças os conceitos que mais apareceram nas falas das professoras foram estes: “*não conseguem obedecer a combinados (regras)*”, “*não reconhece o adulto como autoridade*”, “*hiperativo, agitado, inquietude, impulsividade*”, “*agressivo com professores e colegas*”, “*compensação para o cumprimento de regras*”, “*quer tudo do seu jeito*”. Todas estas questões influenciam constantemente no comportamento e nas emoções dessas crianças, são falas que precisam ser analisadas por todos os profissionais, tanto professores como gestores, psicólogos e psiquiatras para averiguar se realmente isto ocorre no contexto escolar. A professora R e a professora A da escola A tiveram falas semelhantes à professora M referente à falta de organização dos pertences escolares. Todavia, é muito importante que se tenha uma classe e materiais arrumados para um bom estudo. A professora C, da escola A, possui duas crianças com muita semelhança em relação à agressão física e verbal, porém o que os diferencia é em relação ao gênero, possui uma criança do gênero feminino e do gênero masculino.

4.4.2.3 Questão número 3

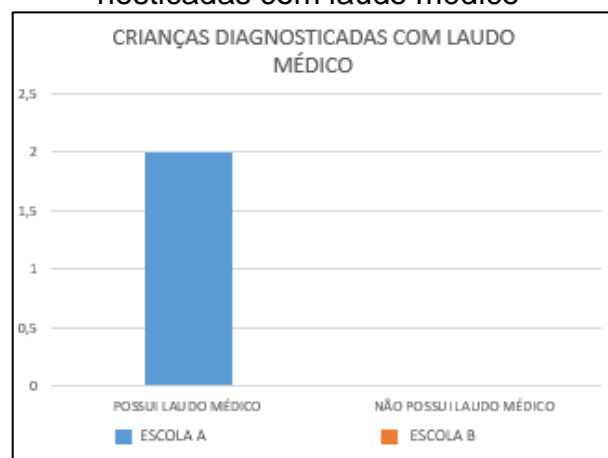
Ao averiguar como os professores lidam com esta questão de limites dentro da sala de aula, as falas que mais se destacaram foram: “*dialogar*”, “*conversar em particular*”. A conversa se torna essencial diante do problema a ser solucionado, portanto cabe ao professor manter a calma e entender o que a criança sente para assim intervir de uma forma satisfatória.

4.4.2.4 Questão número 4

Na escola A duas crianças foram diagnosticadas com laudo médico. A professora R relatou que seu aluno

“*possui sim laudo, mas conforme orientações da psicóloga e da gestão da escola é para ser mantido em sigilo*”. A professora C mencionou que seu aluno “*possui laudo médico e foi diagnosticado com TDAH + TOD*”. Na escola B, nenhuma criança possui laudo médico. No gráfico 6 podemos verificar a quantidade de crianças diagnosticadas com laudo médico nas duas escolas.

Gráfico 6 - Quantidade de crianças diagnosticadas com laudo médico



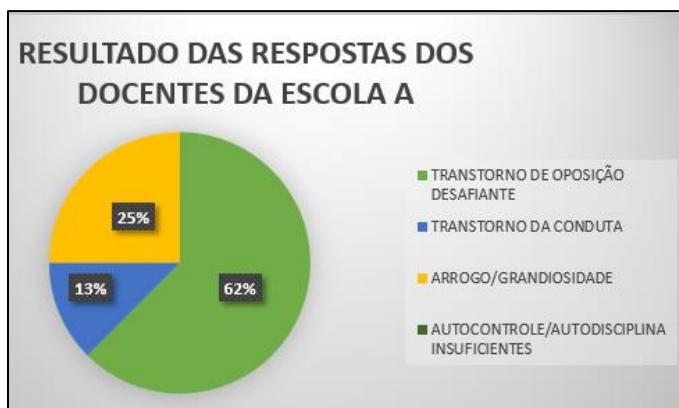
Fonte: Elaborado pela autora

4.5 Questionário assinalado pelos docentes da escola A

Cada professor recebeu um questionário com quatro características estudadas. Ambas foram especificadas e os professores assinalaram de acordo com o perfil de seu aluno que apresenta a falta de limites.

Na escola A os professores assinalaram o questionário de acordo com o perfil de aluno que apresenta a falta de limites. O gráfico 7 mostra os resultados das respostas dos professores da escola A que assinalaram as características conforme sua perspectiva.

Gráfico 7 - Gostaria que você identificasse e assinalasse com um (x) uma ou mais características dos itens abaixo?



Fonte: Elaborado pela autora

No gráfico acima se pode verificar que, com 62%, o transtorno de oposição desafiante acabou sendo assinalado mais vezes através das características dos alunos. Em segundo lugar ficou o arrogos/grandiosidade com 25%, para finalizar o transtorno da conduta apresentou 13% das características e o autocontrole/ autodisciplina insuficientes não foi assinalado.

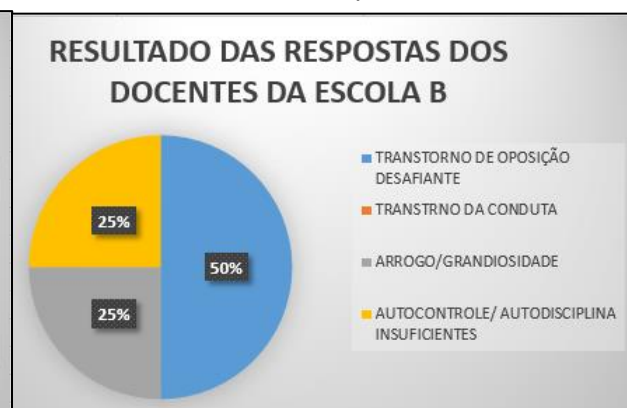
4.6 Questionário assinalado pelos docentes da escola B

Na escola B os professores também assinalaram o questionário de acordo com o perfil de aluno que apresenta a falta de limites. No gráfico 8 pode-se verificar a porcentagem das características.

Neste gráfico percebe-se que na escola B o transtorno de oposição desafiante ficou em primeiro lugar e foi assinalado com 50%. A seguir, pode-se verificar que houve um empate de 25% referente ao arrogos/grandiosidade e o autocontrole/autodisciplina insuficientes e o transtorno da conduta não foi mencionado.

Gráfico 8 - Gostaria que você identificasse e assinalasse com um (x) uma ou mais características dos itens abaixo?

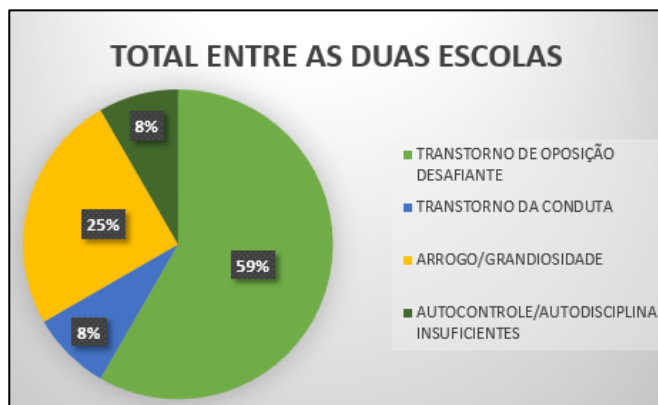
Fonte: Elaborado pela autora



4.7 Comparativo: escola A + escola B

Logo abaixo é apresentado o total entre as duas escolas. No gráfico 9 pode-se analisar o que foi mais assinalado pelos professores entre as duas escolas.

Gráfico 9 - Gostaria que você identificasse e assinalasse com um (x) uma ou mais características dos itens abaixo?



Fonte: Elaborado pela autora

Neste gráfico, pode-se analisar que o transtorno de oposição desafiante foi assinalado com 59% nas duas escolas, o arrogos/grandiosidade foi assinalado com 25%, ficando em segundo lugar. E para finalizar, o transtorno da conduta e o autocontrole/autodisciplina insuficientes

empataram com 8%.

Podemos notar que muitos professores falam em falta de limites, mas não sabem nomear e caracterizar. A falta de limites tem inúmeras características e nem todas são encontradas em um único aluno.

5 DESFECHOS COMPORTAMENTAIS E EMOCIONAIS...

Sabe-se que a falta de limites vem ocorrendo com muita frequência tanto no âmbito educacional como familiar. Muitas vezes dentro do próprio lar a família perde a autoridade sobre seus filhos, pelo fato de a criança não apenas se impor perante os pais, mas também a todos aqueles que vivem ao seu redor, demonstrando atitudes inapropriadas e desrespeitosas. Contudo, isso não se torna diferente no âmbito educacional, no qual muitas vezes a criança desrespeita as regras estabelecidas pelos docentes e infelizmente isso acaba prejudicando constantemente o seu andamento em sala de aula.

No entanto, a pesquisa permitiu entender alguns aspectos da falta de limites em relação aos transtornos e esquemas mentais que podem vir a ser ocasionados por ela. Por conseguinte, como os professores podem intervir de uma forma apropriada em relação a essas crianças com falta de limites? Cabe só aos docentes esse dever ou a família também faz parte desse processo?

No relato das professoras em relação aos alunos, a narrativa apresenta diversas características sobre a falta de limites, como por exemplo, “*não conseguem obedecer a combinados (regras)*”, “*não reconhece o adulto como autoridade*”, “*hiperativo, agitado, inquietude, impulsividade*”, “*agressivo com professores e colegas*”, “*compensação para o cumprimento de regras*”, “*quer tudo do seu jeito*”. Todavia,

podem se tornar muito prejudiciais para o aluno. Consequentemente, é importante que o professor conheça esse aluno e seu histórico familiar para que ele possa intervir da melhor forma possível com ele. Em vista disso, questiona-se se os professores realmente acompanham e conhecem seu aluno e seu histórico familiar.

Os docentes foram questionados sobre como eles se relacionam com esses alunos que apresentam falta de limites dentro da sala de aula e a resposta mais mencionada foi que é através do diálogo e da “conversa em particular” de forma formal. O diálogo e a conversa em particular, ou seja, a dois, torna-se fundamental diante do problema a ser resolvido. Compete ao professor manter a serenidade e compreender o que a criança sente, para que o problema seja solucionado da melhor maneira possível. Mas será que realmente este diálogo está acontecendo? E se acontece, surte algum efeito?

Outro motivo que necessita ser pensado é sobre a questão do diagnóstico comportamental e emocional das crianças e do laudo médico. Ao responder à pergunta, somente duas professoras mencionaram que a criança possuía algum tipo de diagnóstico e laudo. Porém, ao responderem os questionários, todos os professores assinalaram as características que mais coincidiam em relação ao seu perfil de aluno. Desse modo se pergunta: há negligência por parte das professoras? Se elas perceberam que essas crianças têm algum comportamento diferente dos demais alunos, por que não tomaram nenhuma providência? Ou há falta de diálogo entre gestão escolar, professores e família?

Para finalizar, a pesquisa destaca que os limites são fundamentais, tanto no âmbito familiar como no educacional. Consequentemente, vivemos numa

sociedade na qual as mudanças ocorrem a todo o momento, porém a construção dos limites é essencial para se viver em sociedade.

A pesquisa trouxe muitas descobertas, novos conhecimentos e principalmente novas perguntas. No entanto, todos os conhecimentos adquiridos e as trocas foram fundamentais para o andamento do trabalho. Assim como para a autora, a pesquisa contribuirá constantemente aos acadêmicos e demais profissionais que atuam no ambiente escolar.

ZAGURY, Tania. **Limites sem trauma:** construindo cidadãos. 57. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Recebido em: 22/11/2020

Aceito em: 30/11/2020

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico de transtornos mentais:** DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus (COVID 19):** definição, transmissão, sintomas, proteção, diagnóstico, riscos. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 14 abr. 2020.

LOPES, Renata Ferrarez Fernandes; LEITE, Donizete Tadeu; PRADO, Thayná Portilho do. Proposta psicoeducativa para crianças baseada na terapia de esquemas. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 7, n. 2, p. 46-60, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v7n2/v7n2a08.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2020.

PAPALIA, Daiane E; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

YOUNG, Jeffrey E. **Terapia cognitiva para transtornos da personalidade:** abordagem focada em esquemas. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____.; KLOSKO, J. S; WEISHAAR, M. E. **Terapia do esquema:** guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras. Porto Alegre: Artmed, 2008.